



# Cira Arqueologia

N.º 7



## Revista Cira Arqueologia n.º 7

O presente volume da Revista CIRA Arqueologia é a mais recente realização de um objetivo da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira concretizado através do seu Centro de Estudos Arqueológicos, a edição regular de uma revista de arqueologia.

Criada em 2012, esta publicação tem-se pautado pelo respeito de uma linha editorial coerente. Centrando-se numa primeira linha, na investigação das ocupações humanas pré-territas, sobre o território administrativo Municipal. Mas tendo presente, desde o primeiro volume, que as atuais fronteiras administrativas não existiam para períodos mais recuados, sendo necessário contextualizar de forma mais alargada. Analisando-se assim os sítios e as comunidades a uma escala mais ampla como a da península de Lisboa e Vale do Tejo.

A Revista CIRA Arqueologia tem vindo a assumir-se, como forma privilegiada de dar público conhecimento dos principais trabalhos desenvolvidos no âmbito das atividades do Centro de Estudos Arqueológicos de Vila Franca de Xira – CEAX. Os sete volumes já produzidos atestam de forma eloquente a qualidade e a dinâmica do trabalho ali produzido.

Um dos papéis das autarquias portuguesas consiste no inventário e defesa do património que nelas se conserva e que herdou dos seus antepassados. O Município de Vila Franca de Xira tem na última década vindo a apostar de uma forma sustentada e consistente no conhecimento do seu passado. Prova desse empenho é a realização e atempada publicação da Carta Arqueológica do seu território, as sucessivas exposições de arqueologia patentes em diversos espaços e enquadramentos institucionais, assim como, nas sucessivas campanhas de escavações arqueológicas de investigação no sítio de Monte dos Castelinhos.

Esta publicação que muito nos apraz apresentar, é constituída por oito artigos em que participam catorze investigadores incidindo a sua temática desde a Idade do Bronze até ao século XVIII.

É de sublinhar os quatro artigos que assumem um cariz monográfico em torno dos trabalhos de escavação arqueológica conducentes à construção do Centro de Saúde de Alhandra. Obra importante para os cidadãos de Alhandra. Este espaço dedicado à Saúde, pelo qual hoje se acede de forma quase telúrica, pelo antigo portal da Ermida de São Francisco ligando-se assim o passado com a atualidade. Nestes estudos ora trazidos a público, documenta-se a pertinência que estas investigações tiveram na salvaguardar de património e de conhecimento, que de outra forma se tinha obliterado. Provando-se uma vez mais, que o CEAX não se limita a escavar e a “atrapalhar” as obras, mas antes pelo contrário que o seu trabalho é essencial para a construção de uma memória coletiva da nossa comunidade, comunidade essa de que estes ossos encontrados em Alhandra nos falam de forma tão direta e apelativa.

AVEREADORA DA CULTURA



MANUELA RALHA

## ➤ Cerâmica oriental em Alhandra. Objectos da escavação do Centro de Saúde

**JOSÉ PEDRO HENRIQUES**

(COTA 80.86 / IAP, FCSH-UNL)

**TÂNIA MANUEL CASIMIRO**

(IHC/IAP, FCSH-UNL)

### RESUMO

A escavação do espaço do futuro Centro de Saúde de Alhandra identificou vestígios de ocupações domésticas que podem recuar ao século XVII. Associadas a esses materiais foram encontrados 11 fragmentos de porcelana. A sua produção, ainda do século XVI, e a raridade de alguns dos seus objectos merece uma discussão detalhada.

### ABSTRACT

The excavation of the site where the Centro de Saúde de Alhandra was to be located identified the remains of domestic occupations dated from early 17th century to early 18th century. Among all the ceramic remains there were eleven sherds of Oriental ceramics. Its production, dating in some cases from the 16th century and the rarity of some of these artefacts led to a separate study.

## 1. Introdução

O conjunto de cerâmicas orientais recuperado na intervenção arqueológica do espaço onde se localiza actualmente o Centro de Saúde de Alhandra corresponde a onze objectos, dez pratos e uma taça. Exceptuando um dos pratos, cuja decoração é policroma, os restantes recipientes são todos decorados a pintura azul-cobalto sob vidro translúcido. O mesmo prato é igualmente a única excepção relativamente ao país de origem. A sua produção vietnamita distingue-o das restantes peças, de origem chinesa.

Cronologicamente estas peças foram produzidas e adquiridas entre meados do século XVI e os inícios do século XVIII. Antes da construção da igreja, em 1721, existiam ali algumas casas cujos habitantes consumiram diversos tipos de recipientes, incluindo produções orientais.

A presença de cerâmica oriental, sobretudo oriunda da China é comum ao longo do Vale do Tejo. Lisboa, a capital do reino é, até ao momento, a cidade em Portugal onde maior número de objectos se conhecem (Henriques, 2012; Ferreira, et. al, 2017; Gomes et. al, 2015; Casimiro et. al, 2017). No entanto em localidades mais pequenas tais como Almada (Sabrosa, 2019), Vila Franca de Xira (Henriques e Casimiro, 2018), Abrantes (Delfino e Portocarrero, 2014, 90) ou Santarém (Carneiro, 2000), começa a ser reconhecida a sua presença e estudada a sua importância.

O presente artigo é parco em palavras, mas grande em importância. Trata-se do estudo do primeiro conjunto de peças orientais recuperadas em Alhandra demonstrando a capacidade económica e consequente distinção social dos seus habitantes. A colecção de objectos

orientais corresponde, na sua maioria, ao que seria expectável identificar naquele contexto, semelhante a colecções já identificadas noutros contextos das proximidades. Apesar de não muito abundante os habitantes de Alhandra teriam capacidade económica para consumir alguns objectos exógenos. Não se identificou mais nenhuma importação naquele contexto arqueológico pelo que as peças orientais correspondem à totalidade da cerâmica não portuguesa.

## As evidências

### 2. O prato vietnamita

Uma das peças mais antigas e certamente a mais extraordinária desta colecção trata-se de, por ora, exemplar único em contextos arqueológicos portugueses ou mesmo Europeus. É uma produção vietnamita polícroma que, tal como nas produções chinesas, o azul surge pintado sob o vidrado, enquanto o esmalte vermelho e verde surgem pintados sobre o vidrado e fixados durante uma segunda cozedura. De referir, que ao contrário das produções policromas chinesas contemporâneas deste objecto, nomeadamente os *doucai* e *wucai*, a pintura a verde surge realizada através de pingos esbatidos com forma circular, sem qualquer tipo de contorno, característica das produções policromas vietnamitas (Fig. 1 A). O fragmento de fundo de prato, apresenta a cabeça de uma carpa que nada entre flores aquáticas. O tardo encontra-se em reserva, onde é possível observar a oxidação dos minerais ferruginosos existente na pasta, garantindo-lhe uma coloração laranja-acastanhada bastante característica. Peças destas são raríssimas e a sua exportação para a Europa não seria frequente. A peça recuperada em Alhandra é muito semelhante aos objectos recuperados no naufrágio *Hô An*, que se acredita ter naufragado nos finais do século XV, identificado na Costa do Vietname (Guy, 2000; 2005). A produção destas peças foi efectuada nos fornos do Delta do Rio Vermelho, possivelmente de Chu Dau (Stevenson et. al, 1997). A carpa simboliza a boa sorte, a longevidade, a coragem, a resistência, a perseverança, a virilidade, a fecundidade, a intelectualidade, a sabedoria e é um dos animais mais simbólicos que se encontram na louça produzida no oriente, muito frequente na louça chinesa da mesma cronologia.

A profícua policromia desta peça constitui uma excepção no registo arqueológico de cerâmica oriental em Portugal, onde o azul e branco predomina para esta cronologia, e essa característica contribuiu, certamente, de forma decisiva para a sua aquisição.

A importação de cerâmica vietnamita para a Europa revela-se praticamente inexistente, exceptuando a referência a um pote, sem qualquer consideração sobre a sua origem, referido num inventário datado de 1595 do Castelo de Zwinger, em Dresden, como tendo sido oferecido pelo Grão Duque de Florença ao Príncipe Elector da Saxónia em 1590 (Guy, 2005, p. 115). Apesar do referido pote ser característico de uma produção de finais do séc. XV, a sua circulação como presente entre membros destacados da aristocracia, ou comercial entre indivíduos economicamente menos abastados, prolonga-se bastante no tempo, o que configura uma plausível forma de aquisição para o prato de Alhandra, dada a pouca expressividade qualitativa do restante conjunto em análise.

### 3. Porcelana chinesa

O restante da colecção é de porcelana chinesa, produzida durante a dinastia Ming, sobretudo nos reinados Jiajing e Wanli, com dois objectos que podemos já balizar na dinastia Qing.

A peça em melhor estado de conservação trata-se um prato (Fig. 2 A). O interior do fundo apresenta uma paisagem bucólica, com flores deixadas em reserva. A estas associam-se dois gamos dos quais só reconhecemos as patas. São peças produzidas na segunda metade do século XVI e muito frequentes nos contextos arqueológicos nacionais com exemplares semelhantes recuperados na escavação arqueológica da Rua da Judiaria em Almada (Sabrosa, 2019, p. 76).

Regularmente exportados para o sudeste asiático e para Portugal, os pratos com a representação de objectos simbólicos na aba, tais como pêssegos e folhas, um dos oito emblemas budistas, símbolo de bom auspício, capaz de afastar a doença e os maus espíritos, encontram-se representados neste conjunto por dois exemplares. De um deles sobreviveu uma parte do bordo (Fig. 1 B), do outro apenas um fragmento da aba.

Igualmente contendo um gamo, do qual apenas se observa a representação dos quadris, apresentamos um outro prato produzido na mesma cronologia (Fig. 2 B). O gamo significa no mundo oriental a longevidade, prosperidade e fertilidade pelo que é um animal frequentemente representado.

Decorações vegetalistas são frequentes na porcelana Chinesa pelo que os restantes objectos (Fig. 1 C; Fig. 2 C) enquadram-se dentro das produções da segunda metade do século XVI.

A única taça desta colecção (Fig. 1 D) trata-se de um pequeno recipiente hemisférico decorado com elementos vegetalistas, ainda que a pequena dimensão do fragmento que sobreviveu não nos permita inferir muito sobre a mesma. Na superfície externa a linha do bordo encontra-se delimitada por duplo traço. Trata-se de uma produção da segunda metade do século XVI.

Peças semelhantes foram recuperadas em contexto de naufrágio de dois navios portugueses na costa sul-africana. O suposto São João, naufragado em 1552 junto de Port Edward e o que foi reconhecido como o São Bento, em 1554, em Msikaba (Maggs, 1984; Auret e Maggs, 1982).

A dinastia Qing inaugura-se com o reinado do Imperador Shunzhi (1644-1661), mas é no reinado de Kangxi (1662-1722) que a produção de porcelana vai conhecer um novo desenvolvimento. Este imperador vai proceder à reconstrução da cidade de Jingdezhen, tentando desta forma voltar a transformar este centro no mais importante abastecedor do mercado europeu e médio oriental, que durante o período antecedente se tinha abastecido sobretudo com produções das províncias do sul da China e do Japão.

Dois pratos desta cronologia foram recuperados nesta escavação, possivelmente utilizados ainda nas casas que ali existiam antes de a Ermida ter sido edificada. Um dos fragmentos corresponde a um fundo (Fig. 2 D) decorado com motivos cruciformes enquadrados por duplo círculo. O outro trata-se de um fragmento de pequenas dimensões do fundo de um outro prato. São peças encontradas com frequência nas intervenções arqueológicas de inícios do século XVIII, mas sobretudo nos contextos associados ao terramoto de 1755 e consequentes movimentações (Casimiro et. al, 2019; Ferreira et. al, 2017).

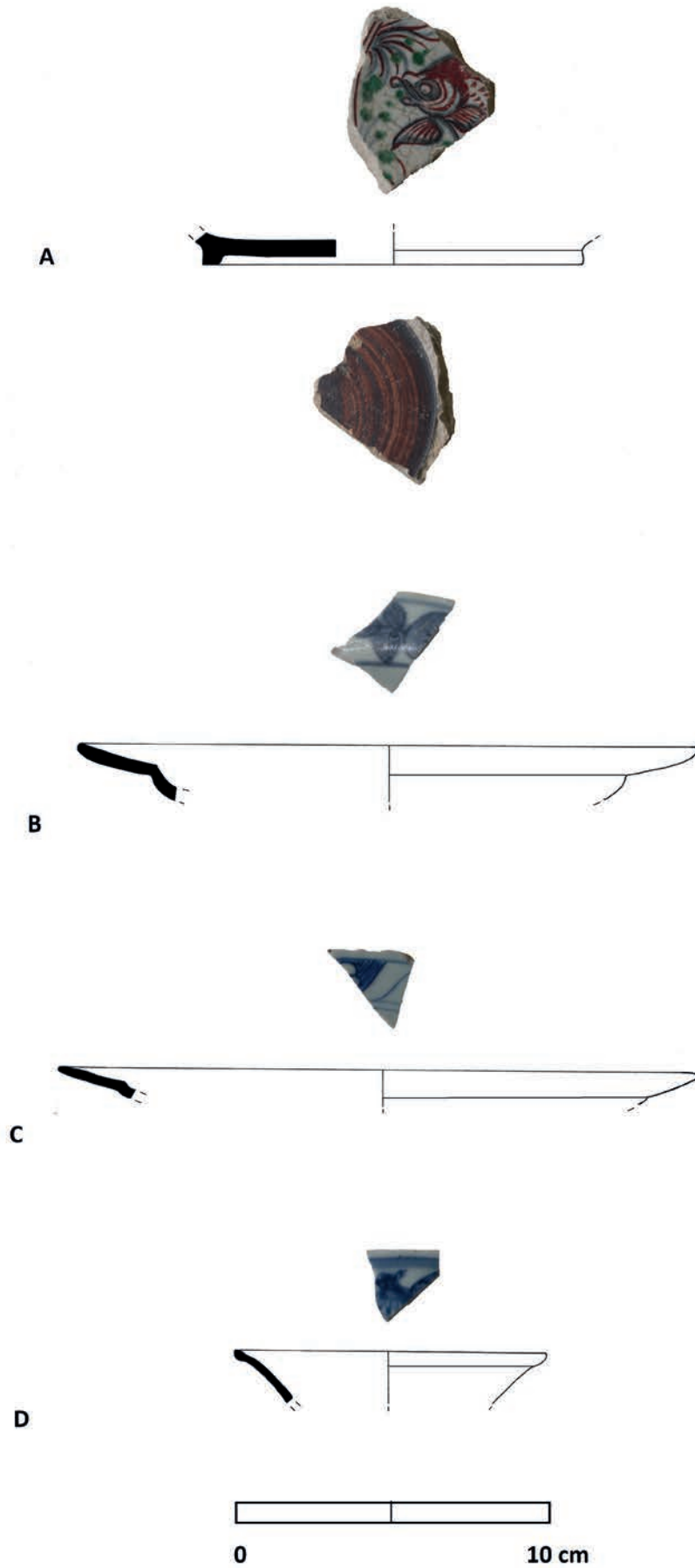


Figura 1

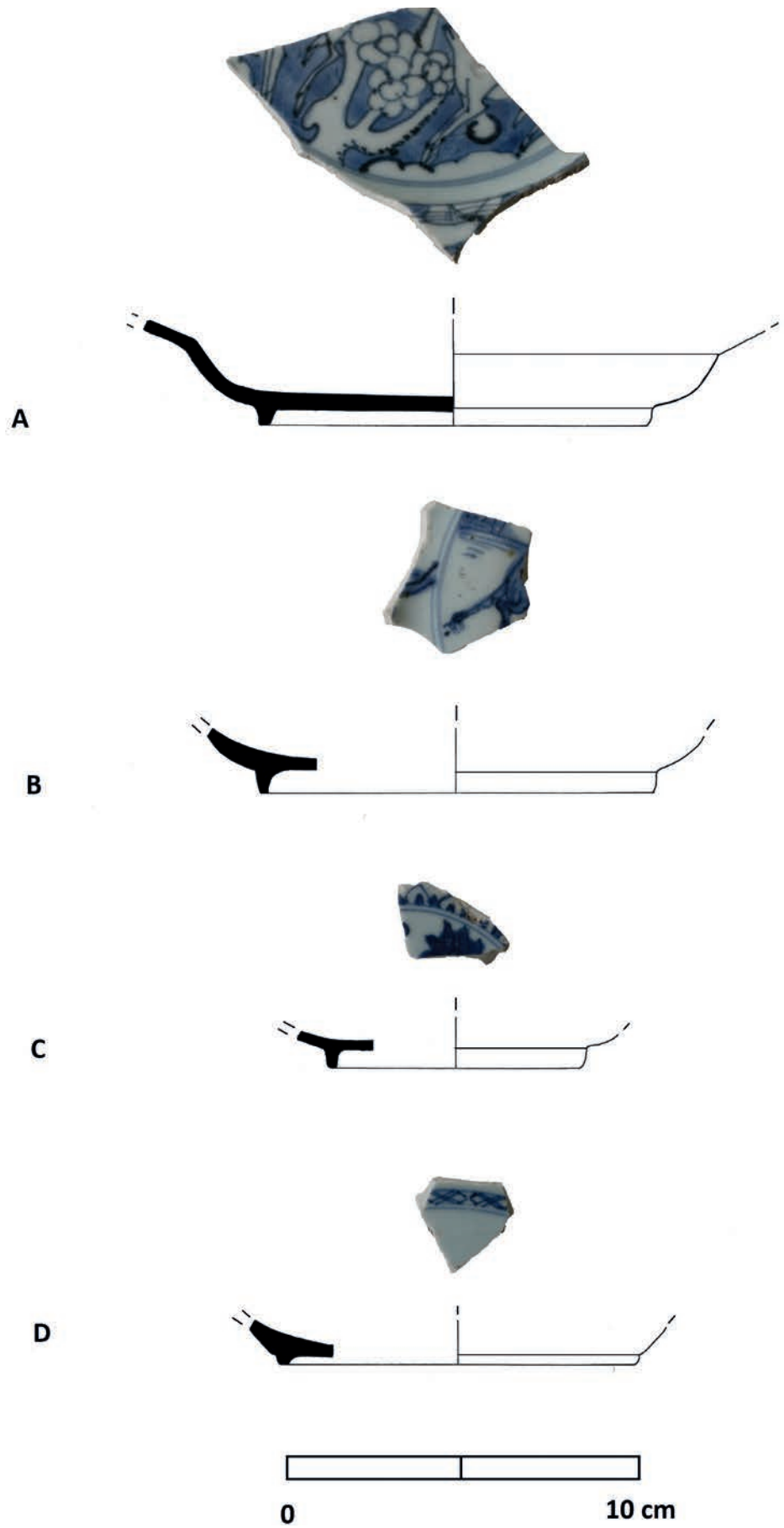


Figura 2

## 4. Conclusão

A análise da colecção de porcelana recuperada em Alhandra revelou tratar-se, apesar da sua pequena dimensão, de um conjunto formado ao longo de quase 200 anos, obtido e utilizado por diferentes gerações. As peças mais antigas correspondem a produções que podem recuar a meados do século XVI, de época Jiajing, quando a porcelana já é frequentemente consumida em Portugal, sobretudo nos contextos urbanos, ganhando destaque como elemento de distinção social e altamente apreciada por quem tinha capacidade económica para a consumir. É o momento de maior importação destes objectos e nos ambientes domésticos irá substituir, quase por completo, importações espanholas e italianas, tornando-se, possivelmente, mais fácil de adquirir.

Quando enquadrámos as onze peças aqui identificadas, e tendo em atenção a sua relação com a restante colecção, revelam que estamos perante uma comunidade que, apesar de não possuir a capacidade económica de nobres ou mercadores endinheirados já possuiria capacidade de adquirir algumas peças, algo característico do que poderíamos considerar uma classe média.

A aquisição de porcelana na zona da grande Lisboa não seria certamente difícil a partir do segundo quartel do século XVI quando o número de exemplares começa a aumentar nos circuitos comerciais, em muito devido às regulares cargas oriundas da China.

O aparecimento deste material praticamente em todos os contextos arqueológicos possíveis de datar entre os séculos XVI e XVIII em Portugal mostra como a aquisição não estava apenas reservada às elites. No entanto, estes objectos, mesmo que de fácil aquisição continuavam a ocupar um lugar de destaque no ambiente familiar. Enquanto as peças mais pequenas, tais como os pratos e taças, serviriam certamente para o consumo de alimentos, já os objectos de maior dimensão e aparato poderiam ter outra funcionalidade e simbolismo para os seus proprietários. O prato vietnamita poderia ter tido esta função decorativa. A ausência destes objectos de outras escavações arqueológicas em Portugal não nos permite compreender que reflexo social e económico poderia conferir aos seus proprietários, mas claramente era uma peça rara.

Outra das vantagens deste trabalho é que foi possível realizar um estudo comparativo com a restante colecção. A porcelana corresponde a uma ínfima parte dos objectos adquiridos e a uma percentagem residual no total da louça de mesa. Neste sentido podemos debater a importância económica, social e mesmo cultural que estes onze recipientes teriam. São objectos que satisfazem a necessidade dos seus consumidores por peças exógenas, aquelas que apenas algumas décadas antes tinham servido à mesa das elites mais distintas. A maior parte da colecção pode ser atribuída a produções Ming do século XVI, momento áureo do comércio luso-oriental e quando a sua aquisição seria relativamente fácil, mesmo em Alhandra. Por outro lado, a maior parte dos outros recipientes cerâmicos correspondem sobretudo a produções do século XVII, sobretudo à primeira metade daquela centúria, pelo que as porcelanas devem ter continuado a ser utilizadas entre gerações.

A identificação destas produções em contexto de abandono de uma área habitacional nos inícios do século XVIII, pode ser reveladora não só da manutenção de objectos de cronologia mais recuada, evidência que já foi por nós abordada noutros trabalhos, mas também pela evidente fraca representatividade de produções cronologicamente mais próximas da data de abandono daquele espaço, podendo, de alguma forma, marcar a flutuação da condição económica daquelas populações ao longo daqueles quase 200 anos.



## 5. Bibliografia

- AURET, C.; MAGGS, T. (1982) – The Great Ship São Bento: remains from a mid-sixteenth century Portuguese wreck on the Podoland coast, *Annals of the Natal Museum*, Vol. 25(1), p. 1-39.
- CARNEIRO, A. (2000) – O Mundo a azul e branco. Porcelanas e faianças da Casa do Brasil (Santarém) in: Custódio, J. (coord.) *Casa do Brasil / Casa Pedro Álvares Cabral*, Santarém: Câmara Municipal de Santarém, p. 61-76.
- CASIMIRO, T.M.; BOAVIDA, C.; MOÇO, A.M. (2017) – Louça “de fora” em Carnide (1550-1625). Estudo do consumo de cerâmica importada, in: *Actas do I Encontro de Arqueologia de Lisboa – Uma Cidade em Escavação*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, p. 56-67.
- CASIMIRO, T.M.; HENRIQUES, J.P.; FILIPE, V.; NEVES, D. (2019) – Pottery Use and Social Inequality in Mid-18th century Lisbon. An Initial Approach, in: Matejkova, K; Blazkova, G (eds.) *Europa Post-Medievalis*, Oxford: Archaeopress, p. 1-18.
- DELFINO, D.; PORTOCARRERO, G. (2014) – *8000 anos a transformar o barro. Cerâmicas do miao*, Abrantes: Câmara Municipal de Abrantes.
- FERREIRA, S.; NEVES, C.; MARTINS, A.; TEIXEIRA, A. (2017) – Fragmentos de mesa nobre e de uma cidade em transformação: Porcelana chinesa num contexto de terramoto na Praça do Comércio (Lisboa). *I Encontro de Arqueologia de Lisboa: Uma Cidade em Escavação*. p. 459-477.
- GOMES, M. V., GOMES, R. V., CASIMIRO, T. M. (2015) – Convents, monasteries and porcelain: a case study os Santana Convent. Lisbon in: Buxeda I Garrigós, J.; Madrid I Fernandez, M.; Iñáñez, J (ed.), *Global Pottery 1. Historical Archaeology and Archaeometry for Societies in Contact*. BAR International Series 2761, Oxford: Hadrain Books, p. 93-101.
- GUY, J. (2005) – The Hoi n (Cu Lao Cham) Shipwreck Cargo and Asian Ceramics Trade. In: Cheng, P., Li, G., Wan, C. K. (eds.), *Proceedings of the International conference: Chinese export ceramics and maritime trade, 12th-15th centuries*. Xianggang: Zhonghua shu ju. p. 105-125
- HENRIQUES, J. P. V. (2012) – Do Oriente para Ocidente: Contributo para o conhecimento da porcelana chinesa nos quotidianos de época moderna. Estudo de três contextos arqueológicos de Lisboa, in: Teixeira, A.; Bettencourt, J. (eds), *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*, Lisboa: Centro de História de Além-Mar, p. 919-932.
- HENRIQUES, J.P.; CASIMIRO, T.M. (2018) – Pelo Tejo acima: dois séculos de porcelana em Vila Franca de Xira, *Cira Arqueologia*, 6, p. 254-269.
- LOPES, G.; ROQUE, C.; (2012) – A intimidade palaciana no século XVII. Objectos provenientes de um esgoto do Paço dos Lobos da Gama (Évora), in: Teixeira, A.; Bettencourt, J. (eds), *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*, Lisboa: Centro de História de Além-Mar, p. 201-208.
- MAGGS, T. (1984) – The Great Galleon São João: remains from a mid-sixteenth century wreck on the Natal South Coast, *Annals of the Natal Museum*. Pietermaritzburg. Vol. 26(1), p. 173-186.
- SABROSA, A. (2019) – *De Macau a Lisboa. Na Rota das Porcelanas Ming*, Lisboa: ICGRAEM.
- STEVENSON, J.; GUY, J.; CORT, L. (1997) – *Vietnamese ceramics: a separate tradition*, Chicago: Art Media Resources Ltd

